

Opinião

Comentários e reações: opinio@diariocoimbra.pt

JORNALISTAS COM LÁGRIMAS

Já tinha visto a peça na CNN, um velório na Califórnia, uma vítima de Covid amortalhada ao som de “Amor Eterno”, que Rocio Durcal celebrizou.

“Como quisiera que tu vivieras / Que tus ojitos jamas se hibieran cerrado nunca...”

Voltei a vê-la quando, mais tarde, após a redifusão do seu trabalho, Sara Sidner irrompeu em lágrimas por mais de um minuto. Estava em directo.

Sara pediu desculpa porque tinha aprendido que *uma mulher nunca deve ser vista a chorar*.

Dias mais tarde, Brianna Keilar, *pivot* da mesma estação, chorou a meio da leitura das derradeiras mensagens escritas por outras vítimas da pandemia aos que amavam.

Antes, 7 de Novembro, dia da confirmação pelos *media* da vitória de Joe Biden, Van Jones, comentador da CNN, também chorou, em directo.

Acho linda a palavra “lágrima”, por cá travestida de “emoção” a mando do politicamente correcto. X emocionou-se, H não conseguiu



DINIS MANUEL ALVES
PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO

conter a emoção, por aí...

Consta que o politicamente correcto tem patente registada nos EUA mas, pelos vistos, ainda não baniram a palavra nem proibiram os jornalistas de chorar.

Venho à página para sinalizar o óbvio: os jornalistas são seres humanos, são pessoas antes de serem jornalistas, enquanto jornalistas, depois de pousarem definitivamente microfone, teclado ou caneta.

As lágrimas de Sara, Brianna e Van só são notícia porque, manda o imaginário, mandam muitos jornalistas e também lentes de renome, que o jornalista veste carapaça que o torna imune aos sentimentos, traja máscara que lhe esconde a dor, o riso, as lágrimas, o fastio, o amor, a compaixão.

Só assim “Santa Objectividade” se manterá no altar onde alguns se lembraram de prantar o jornalismo, Hollywood ajudando à festa com mil e sete filmes dedicados ao herói sem mácula, ao Homem de Ferro.

E isso é mau para todos os que consomem notícias. E isso é muito mau para os jovens que

sonham um dia chegar à profissão.

Pasmei quando, em tempos idos, anos 90, ouvi profissional a entrar na veterania, responder a pergunta feita por uma jovem de plateia repleta de estudantes de jornalismo que, “sim senhor”, se ele soubesse, em primeira mão, que o pai tinha cometido um crime, seria o primeiro a dar a notícia. Assim mesmo, sem hesitar. Só na declaração, claro. Tudo o mais é, era basófia.

Porque é que o profissional tarimbado se viu na obrigação de tal dizer?

Para não beliscar o culto da *persona* em que se investiu, com gáudio prazeroso, assim que assinou a primeira notícia.

Acontece com muitos, contribuintes líquidos da deseducação para os media. Ganha-se pouco, é verdade, mas pavonear a *persona* compensa imenso, atenua as dores da precariedade, do quase pagar para trabalhar. Damos-lhe 511 euros ao mês, mais o suplemento de *Persona* associado a todos os profissionais aqui da redacção, é pegar ou largar...

Há dias atrás revia um dos episódios da série “Fotografia Total”, do consagrado fotógrafo Luís Carvalho, ao tempo emitida pela TVI24.

Programa dedicado a Artur Pastor, fotógrafo por cinco décadas que nos deixou obra ímpar. Aos olhos dos puristas, Pastor arde no inferno porque tinha o hábito de varrer as ruas antes de fotografar. Xô folhas mortas.

Mais, conta-nos a viúva. Ficava de braços caídos quando a desgraça tentava a máquina.

“Ele não era homem da desgraça. Olhe, uma vez estávamos na Nazaré e aconteceu um naufrágio. As mulheres gritavam, choravam, e fomos todos para a praia. Pensa que ele abriu a máquina? Não abriu. Ele era incapaz de fotografar desgraças... Não sei, acho que não tinha coragem de ver as pessoas a sofrer e ele a fotografar” – conta Rosalina Pastor.

Alguma coisa contra as fotos de Arthur Fellig ou dos quatro do Bang Bang Club?

Nadinho de nada mesmo.

Apenas para sinalizar que Pastor respeitava as lágrimas de pessoas como ele, lágrimas negras da cor do desespero.

Como eu respeito e agradeço as lágrimas de Sara Sidner, Brianna Keilar e Van Jon. ◀

(vídeos das peças referidas no texto disponíveis em <https://guardafactos.com/>).



Venho à página para sinalizar o óbvio: os jornalistas são seres humanos, são pessoas antes de serem jornalistas

A UTILIZAÇÃO DA ÁGUA

Propõe-se aqui uma simples reflexão sobre o uso que fazemos da água.

Começamos pela água que bebemos. Pela água vendida em garrafas. Uma garrafa de 0,200 litros custa nos bares 1,20 euros, ou seja, seis euros cada litro. Isto é, 6000 euros cada m³! Mais de quatro vezes o custo do gasóleo! Mas um m³ da água da torneira, em nossas casas, custa menos de um euro ou seja, comparativamente, um litro é praticamente grátis!

As águas do nosso País, das redes públicas ou engarrafadas, são quase todas quimicamente ácidas. A água das chuvas é também ácida como consequência da poluição atmosférica. Quase todas as nossas águas têm pH inferior a 7. O pH é um indicador que mede a acidez. A Química define-o como o logaritmo do inverso da concentração hidrogeniônica em iões grama por litro. O pH varia de 0 a 14. Inferior a 7 indica meio ácido e superior a 7 indica meio alcalino. Na água neutra o pH é igual a 7. A água de Monchique, engarrafada e disponível nos mercados, é a água mais alcalina que se conhece em Portugal, com o pH de 9,5. Vantagens ou inconvenientes da água alcalina para a saúde poderão ser, em cada caso, referidos pelas ciências médicas.

Na maior parte do nosso território, a água da torneira é garantida no que respeita à nossa saúde. Em Coimbra, por exemplo, sempre



CELESTINO FLÓRIDO QUARESMA
PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO
APOSENTADO DE
ENGENHARIA CIVIL

houve nas torneiras água da melhor qualidade. A água engarrafada que compramos também é garantida na fonte que a produz. Mas não é garantida quando a bebemos. Porque não sabemos quanto tempo esteve dentro do plástico ao sol, antes de ser bebida. A água em garrafas de plástico pode ser contaminada no processo de distribuição e armazenamento. O meio ambiente fica poluído pela eliminação descontrolada das garrafas de plástico vazias. Para quê esbanjar dinheiro a beber água duvidosa

quanto a temos nas torneiras mais garantida e quase gratuita?

Portanto, em princípio, BEBA ÁGUA DA TORNEIRA da REDE PÚBLICA!

A água potável é um bem precioso. O fornecimento garantido da qualidade da água potável, em termos de saúde pública, tem um custo público elevado. Só para beber e cozinhar se justificaria o uso da água potável da rede pública. Usar água potável nos lavatórios, nos banhos, nos autoclismos das sanitas, na rega de jardins, etc é um enorme desperdício! Portanto justificava-se a existência de duas redes de abastecimento público: Rede de água potável e Rede de água não potável. É um assunto que tem sido internacionalmente discutido.

É viável, em boa parte dos casos, aproveitar as águas residuais brancas (dos banhos, lavatórios, máquinas de lavar, etc.) em reservató-



rio dimensionado para o efeito e usar essas águas para entrar nos autoclismos das sanitas.

A água é um bem cada vez mais valorizado. As necessidades de consumo aumentam com a qualidade de vida das populações e com a expansão das instalações industriais e agrícolas. Sobretudo em zonas mais carentes de água, torna-se importante investir no aproveitamento das águas pluviais para usos domésticos, industriais e agrícolas. Pode recorrer-se à informação retirada do portal do INAG (Instituto Nacional da Água) constituída pelo Mapa de precipitação em mm (litros por m²) para o ano médio. O INAG fornece-nos dados estatísticos da precipitação pluvial em cada local do nosso território.

O volume de água anual (m³), obtido por aproveitamento das águas pluviais, pode obter-se multiplicando a área de recolha da água (cobertura do edifício por exemplo) pelo valor

da precipitação pluvial no local em m³/m².ano.

Para a zona de Coimbra, a precipitação média anual encontra-se entre 777 e 1059 litros/m². Assim, por exemplo, em Coimbra, uma cobertura com 300 m² recebe por ano entre 233,1 m³ e 317,7 m³ de água! Este volume de água é completamente grátis e, mesmo no seu valor mínimo, é bastante superior ao volume de água consumido anualmente na rega do jardim, na piscina, nas lavagens, etc.

Será bom que se comece a olhar para esta informação do Instituto Nacional da Água para concluir que a água pluvial pode ser, economicamente, uma boa fonte de abastecimento público de água. Há que construir barragens com albufeiras de capacidade suficiente para abastecimento público. Há que pensar em reservatórios para utilização privada. Para armazenar a água em períodos de abundância aliviando, assim, os tempos de seca. ◀